



## **“A MULHER QUE MATOU OS PEIXES” DE CLARICE LISPECTOR E A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM ENTRELAÇAMENTO ENTRE PODER, SABER E PRAZER**

Maria da Luz Duarte Leite Silva

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: E-mail: [lulinhaduarte@hotmail.com](mailto:lulinhaduarte@hotmail.com)*

Albert Ítalo Leite Ferreira

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA – E-mail: [Ítalo\\_leite@hotmail.com](mailto:Ítalo_leite@hotmail.com)*

Francisco Igor Leite Soares

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – E-mail: [igoleite.fas@gmail.com](mailto:igoleite.fas@gmail.com)*

**RESUMO:** A literatura infantil chegou ao Brasil no final do século XIX. Dessa forma, acredita-se ser oportuno tomarmos como objeto de análise a narrativa *A mulher que Matou os Peixes* de Clarice Lispector, por observar-se nessa narrativa que as categorias “prazer”, “saber” e “poder” constituem um retrato do imaginário da literatura infantil da atualidade. Para tanto, subsidiou-se de alguns teóricos como: Elias José (2007), Ecléa (2012), dentre outros. Percebe-se que a narradora apresenta estratégias para convencer o leitor de sua inocência do crime, visto que consegue suavizar o relato da morte dos peixes através do processo de memorização. Além disso, a narradora por meio do prazer, poder e saber consegue desenvolver uma literatura que não considera apenas aspectos sociais, mas sim o estético, bem como a memória.

**Palavras-chave:** Poder, prazer, leitor, saber.

### **Introdução**

Por volta do final do século XVII foram escritos os primeiros livros destinados a crianças. Escritos por professores que tinham como função ensinar valores, hábitos e auxiliar as crianças a enfrentarem a realidade social. Ou seja, serviam como leitura prática, não uma leitura por prazer, como ocorre com a literatura na atualidade. Nessa época, a criança era considerada um adulto em miniatura que participava da vida adulta. Somente a partir do século XVIII é que o conceito de criança começou a mudar. A criança passou a ser considerada como um sujeito diferente do adulto, juntamente a isso desenvolveu-se uma literatura específica a esse público.

No período de 1930 – 1945, tanto a literatura quanto as Artes no Brasil foi caracterizado essencialmente por uma fase de denúncia social, atingindo elevado grau de tensão nas relações do



eu, com o mundo. Neste cenário, o regionalismo ganha espaço, com destaque significativo para a relação do sujeito com o meio natural e social. A partir de 45, a prosa investe numa literatura intimista, de sondagem psicológica e introspectiva, com grande destaque para Clarice Lispector, que de forma sempre renovada utiliza a técnica do “fluxo de consciência”, esta é uma das marcas de suas narrativas. Vale ressaltar, no entanto, que a introspecção psicológica já era praticada por outros escritores, desde o realismo do século XIX, James Joyce e Virginia Woolf.

Assim sendo, percebe-se o surgimento de inovação na escrita de Clarice Lispector, nos anos 40, sugestivamente a referida autora desroteou a ficção brasileira, pois desromantizou o romance. Além disso, revolucionou a configuração lógica do tempo, visto que as suas narrativas não seguem uma linha cronológica, por perdurar a introspecção psicológica. O tempo que prevalece nas narrativas lispectoriana é o psicológico. Na técnica narrativa de Lispector, o tempo confere o caráter de fluxo e, reflexo que permeia as sensações, sintomas e impressões das personagens. O tempo difuso e confuso confere um caráter fragmentado e “líquido” no discurso narrativo, o que nos remete aos postulados de Bauman (2005) ao referir-se ao mundo líquido, ou seja, globalizado. E o sujeito acaba por descentrar-se. Assim sendo, parece que as obras literárias passam por diferentes processos, desde quando era feito para a burguesia, passando pelos modelos folhetins, quando aumentou o público leitor até chegar ao modelo atual.

A partir do discutido, vê-se que Lispector é apresentada como um dos principais nomes da geração de 45. A referida autora é considerada como uma das mais importantes expressões da ficção brasileira de todos os tempos. Desta feita, observa-se que um traço característico de sua literatura é a recorrência do tema sobre a condição da mulher inserida em seu ambiente familiar. Ou seja, a mulher presa ao lar, a presença de animais, os personagens em sua maioria geralmente é feminino dentre outros. Mas, vê-se em suas obras, que a escritora extrapola os limites desse universo. Essa nova maneira de escrever de Lispector promoveu algumas críticas, inclusive de escritores como Álvaro Lins, que considerou sua obra inacabada, Borelli apresenta o descontentamento de Lispector em relação a Lins, ao citar a fala:

A crítica de Álvaro Lins me abateu bastante, tudo o que ele diz é verdade, causada ou não por uma intimidade que ele tem por mim, ou seja, ou não uma crítica escrita em cima da perna... Gostaria muito de ler uma crítica de Antonio Cândido. [...] Em todo caso, já passei por cima da crítica de Álvaro Lins. (BORELLI; 1981, p. 115)

Observa-se que Lispector demonstra descontentamento com a crítica de Lins, e prefere Antonio Cândido, talvez porque este não ser pessoa íntima como Lins. A autora parece revelar



descredibilidade no que disse o seu amigo, essa crítica deveu-se ao fato de Lispector, nas suas escrituras, introduzir os seus personagens no cenário do mundo moderno.

Vale lembrar que Lispector não escreveu só literatura para adultos, mas também para crianças, ao todo são cinco livros infantis: *O Mistério do Coelho Pensante* (1999); *A Mulher que Matou os Peixes* (1999); *A Vida Íntima de Laura* (1999); *Quase de Verdade* (1999).

É, pois, seguindo esse viés temático que tomou-se como objeto de análise a narrativa, *A mulher que Matou os Peixes*, por observar-se que as categorias Prazer, Saber e Poder constituem um retrato do imaginário da literatura infantil de Lispector. Essa é uma história contada por uma narradora que apresenta amar todos os bichos do mundo, mas que por um incidente, matou dois peixinhos vermelhos. Todo o enredo gira em torno de uma mulher que procura provar que matou os animaizinhos sem pretensão, ou melhor, convencendo o leitor foi um acidente, pois gosta muito de animais.

Assim sendo, neste estudo, pretendemos analisar o “prazer,” “poder” e o “saber” na narrativa infantil de *A Mulher que Matou os Peixes*, de Clarice Lispector destacando traços da representação da personagem-narradora, sobretudo no que se refere a dualidade entre essência e aparência, observada no conteúdo narrado.

Vemos também que a produção literária de Lispector permite, por meio de suas inovações poéticas, refletir sobre as relações entre o “eu” e o “outro”, a falsidade das relações dos sujeitos, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares, o convívio do homem com os animais e, sobretudo a própria linguagem, considerada pela autora como única forma de comunicação do mundo.

É, pois, nesta perspectiva que realizou-se uma leitura da narrativa *A mulher que Matou os Peixes*, tomando como base, postulados teóricos referentes as categorias de análise. Além disso, utilizou-se alguns procedimentos, tais como a realização de uma leitura teórico analítica da narrativa em questão, com o intuito de identificar o modo de representação das categorias de análise na construção do poder, saber e prazer na literatura infantil de Lispector.

Nas narrativas de Lispector presenciou-se o intimismo, a imaginação, o convencimento ou persuasão o relacionamento entre adulto e criança dentre outros. Por tudo isso, vê-se aspectos, vemos a necessidade de conhecermos como é representado, o prazer, o poder e o saber, visto que tal como propõe Elias José (2007, p. 18), “[...] é preciso ler: pelo prazer pelo saber e para obter poder”. É seguindo essa linha de raciocínio que procurou-se justificar o objeto de pesquisa, uma vez que as narrativas lispectoriana o que interessa são as repercussões dos fatos no indivíduo. Daí suas obras



serem comprometidas com o sujeito dentro de uma perspectiva de sua realidade, bem como servindo de deleite para o público alvo, qual seja, o infantil.

Assim, por percebeu-se que o imaginário está ligado a emoção, a afetividade a subjetividade, a partir disso, acredita-se ainda mais na relevância desse estudo, visto que a literatura vai além da imaginação podendo formar, mas também deformar. A narrativa literária é subjetividade, compreensão. Tal como apresenta Elias (2007, p.23), Assim, percebe-se que: “[...] as palavras tem o poder de encantar, de denunciar e de esclarecer, mas também de iludir, de enganar”. Ou seja, quando o leitor é competente, isto é, ler por saber, prazer e poder consegue aproveitar as diferentes contribuições que a literatura pode trazer ao sujeito leitor, informando, ou deformando-o.

### **Um pouco sobre *A Mulher que Matou os Peixes sou Eu***

Em *A mulher que matou os peixes* (1999), a escritora subsidia de algumas das suas inovações poéticas, visto que não há propriamente um enredo. A narrativa relata, ou melhor, rememora sobre momentos da vida da escritora, sempre relacionados aos bichos que possui, incluindo todos aqueles que passaram por sua casa – como ratos e baratas. A forma tomada na narração é a da confissão. “Descrevendo a substância social da memória – a matéria lembrada – você mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social.” (ECLÉA, 2012, p. 31). A título de exemplo temos logo no início quando a narradora/autora apresenta: “Essa mulher que matou os peixes, infelizmente, sou eu. Mas juro que foi sem querer.” (LISPECTOR, 1999, p.s/p). Percebe-se que é a partir desse momento que se inicia a intimidade e *performance* entre a narradora e o leitor, aumentando gradativamente ao longo do texto, pois Clarice sabe como poucos, dialogar com seu público, principalmente o infantil, a narradora-personagem diz que gosta de crianças tornando sua memória também social.

*A mulher que matou os peixes* foi escrito, inicialmente, a pedido de seus filhos e publicada para o público infantil no ano de 1969. Ao que parece Lispector procura relatar nessa historia um incidente que cometeu a morte dos dois peixinhos vermelho. A narradora inicia a história falando que a mulher que matou os peixes infelizmente era ela assegurando que foi sem querer. A memória de Lispector é diferente das memórias dos velhos defendida por Ecléa (2012), visto que Lispector rememora ação/hábitos. ”Se existe uma memória para a ação, feita de hábitos e, uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares.” (ECLÉA, 2012, p. 81). Talvez por isso, a personagem-narradora procura se aproximar do leitor, de modo a conseguir intimidade e,



consequentemente o perdão. Além disso, ela apresenta algumas histórias de bichos que já possui como: uma gata que teve na infância, essa deixava a casa mais alegre na sua concepção. Após tecer o comentário, Clarice diz que, na sua casa tem bichos naturais como baratas e lagartixas, exceto ratos e bichos não convidados e comprados. Fala de dois coelhos, dois patos e alguns pintos que já havia comprado. Quando menciona os dois cachorros se emocionam, pois, para ela, eles eram a alegria da família, diz ter um filhote de gorila e uma macaquinha. A expressão a seguir exemplifica o sentimento da narradora-protagonista: “Só tive na vida esses dois cachorros felizes.” (LISPECTOR, 1999, ps/p)

Vemos também que, a narradora apresenta dois fatos muito tristes, o primeiro é a história do cão de um amigo que mata outro cachorro e, este, por vingança, é atacado por outros cães, chegando a falecer. O outro fato se trata da separação de dois periquitos, fazendo com que a periquita morresse de saudade de seu companheiro. Após falar de todos os animais que conviveu, retrata sobre uma ilha encantada, e de tudo que existe por lá, mas lembra que é bom ir só para passear, porque para morar é perigoso. Somente ao final da narrativa é que a narradora, declara como aconteceu o assassinato dos vermelhinhos, era assim que se chamavam os peixinhos, ressalta que o filho foi viajar e deixou os bichinhos com ela, mas como é uma pessoa ocupada, acabou se esquecendo de cuidar dos vermelhinhos, deixando-os morrer de fome. Aqui vemos que: “O passado conserva-se, atua no presente, mas não de forma homogênea.” (ECLÉA, 2012, p. 48).

### **A Literatura Infantil de Clarice Lispector**

A literatura de Clarice Lispector para o público infantil apresenta uma sensibilidade quase maternal, cria um clima de proximidade e conforto, como se cada vez que as crianças leitoras leem suas narrativas se sentissem como que adentrando na intimidade da autora e, fossem ouvir uma história bem criativa com todo aquele ar de intimidade, ou melhor dizendo, prazer, saber e poder. Vê-se que leitor infantil de Lispector se sente como que presenciando a história perto de uma pessoa bem próxima, e bem querida como: a mãe, a tia, a avó, o pai, dentre outros parentes. Ou seja, alguém que a criança confia e que também as ouve deixando-se levar pela história. Isto parece ser evidente na hora em que a narradora, em *A mulher que matou os peixes* diz: “Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir”. (LISPCTOR, 1999, p. s/p). Aqui, hipoteticamente, pode-se presenciar um clima de intimidade, próprio para adquirir confiança, isso porque a narradora-personagem procura dialogar com criança através da narrativa a todo momento.



Esse recurso estilístico se repete várias vezes. As digressões ou os supostos diálogos da narradora com o leitor predominam em relação às ações da própria narrativa. A protagonista parece estar ciente de como penetrar no universo infantil de modo seguro, possibilitando que o leitor não se sentisse ‘sozinho’ ao ler a história – na verdade, o que se percebe é que, a narradora parece apresentar-se como uma companhia muito próxima da criança leitora, visto que se percebe certa intimidade proporcionada na narrativa. “Eu peço muito que vocês me desculpem. Dagora em diante nunca mais ficarei distraída.” (LISPECTOR, 1999, p. s/p).

Vale lembrar que *A Mulher que Matou os Peixes* foi o segundo livro infantil escrito pela referida autora. A história se baseia como muitas outras narrativas em fatos que aconteceram no âmbito familiar da escritora. Pedro, seu filho que viajaria por um mês, pede a mãe para alimentar seus peixes vermelhos; mas por três dias Lispector esqueceu de dá comida e os animaizinhos morrem. “Por enquanto só posso dizer que os peixes morreram de fome porque esqueci de lhe dar comida.” (LISPECTOR, 1999, p. s/p).

Para demonstrar a estilística de Lispector em narrativas infantil cita-se: *Quase de verdade*, quando a autora procura apresentar o tema do ovo e da galinha, é uma história “engraçada”, que explora a simpatia e a intimidade entre o narrador, o cachorro Ulisses, e uma criança. A narrativa demora a iniciar, além disso, observamos que por várias vezes, a narradora se desculpa: “[...] a essa altura, você deve estar reclamando e perguntando: cadê a história?” (LISPECTOR, 1999, p. s/p). O que faz se remeter a ideia do imprevisto que os adultos rivalizam para fazer seus filhos adormecerem. Este traço estilístico representa a criatividade e espontaneidade presente nas obras de Lispector.

Em *Quase de verdade* é uma história sobre “[...] uma viagem para o quintal de outra casa”. (LISPECTOR, 1999, p. s/p), feita pelo cachorro Ulisses, que late suas aventuras, escritas por Lispector, sua dona, que compreende o sentido dos seus latidos. Coisa parecida ocorre em *A mulher que matou os peixes*, quando temos uma narradora que toma parte do universo diegético que viveu diretamente a experiência dos fatos, a morte dos vermelhos.

Observa-se no prefácio de *O mistério do coelho pensante*, que Lispector inicia fazendo uso de suas inovações estilísticas, quando a autora subsidia de uma forma específica para explicar que a história foi feita para “uso doméstico” (LISPECTOR, 1999, p. s/p), e que sua leitura necessita de complementações orais, que preencham as entrelinhas. Sugestivamente, esta explicação pode está relacionada a um frequente recurso utilizado pela autora: a temática de se escrever distraidamente. Nessa narrativa, a personagem central é um coelho chamado Joãozinho. Sua principal característica



não difere da atribuída a outros coelhos, que é a de pensar “mexendo bem depressa o nariz” (LISPECTOR, 1999, p. s/p), mesmo sendo conhecedores que um coelho pense, a narradora adverte o leitor desse fato. Assim sendo, a vê-se que a grande ideia almejada pelo coelho pensante não pode ir além do que lhe permite sua natureza. Caminhando por esse raciocínio, essa narrativa parece ganhar mais veracidade, mas aumenta seu mistério, pois afinal, como é que um coelho assim tão ‘real’ poderia concretizar a brilhante ideia de fugir da gaiola fechada com um tampo de ferro pesado, toda vez que observasse que não havia mais comida nela? Percebemos que o leitor é convidado a se colocar no lugar do coelho, “cheirando” como ele a ideia, da mesma forma como a narradora tenta apreender os mistérios do mundo, através de uma escrita que procura atingir a essência do outro.

Assim, o que se verifica nessa história é que leitor e narradora participam da descoberta de um mistério. Para a criança trata-se de descobrir o modo como o coelho conseguiu sair da casinha; para a narradora trata-se de brincar com a narrativa do mistério, ou melhor, com o saber, poder e o prazer, sem a necessidade de chegar a uma resposta final, pois, coloca-se, no mesmo nível de hesitação do leitor, embora com indagações diferentes. Desta feita, a narradora confessa não conhecer a resposta, embora até já tentasse pensar como coelho, isto é, franzindo a testa bem depressa: “[...] mas você sabe muito bem o que tem acontecido. Quando franzo o nariz, em vez de ter uma ideia, fico é com uma vontade doida de comer cenoura.” (LISPECTOR, 1999, p. s/p). Se percebe que o imaginário é presente nessa narrativa, visto que no final da história, a narradora sugere que a criança tente dar uma solução para o caso. *O mistério do coelho pensante*, assim transformado em brincadeira, dá lugar a outros mistérios, cujo segredo está na liberdade de imaginar, pratica que de exercício o público infantil é capaz de fazer com muito mais criatividade, facilidade e frequência, e, sobretudo, entusiasmo que um adulto muitas vezes não apresenta/adere. Assim, a história mantém uma dialética entre a fantasia e realidade. A pós uma amostragem de algumas narrativas infantil de Lispector, resolve-se adentrar na obra objeto de pesquisa ora proposto.

*A mulher que matou os peixes* é uma narrativa que a partir, do próprio título, suscita expectativa de uma história que irá apresentar suspense, mas, ao contrário, inicia por apresentar a autora do crime: “[...] esta mulher infelizmente sou eu”. (LISPECTOR, 1999, p. s/p). Assim sendo, a confissão da narradora- personagem quebra, inicialmente, o que poderia ser um mistério, mas, contudo, a ênfase passa a ser a justificativa que fará com que a narradora possa ser “perdoada” pelo seu ato.



Ainda acerca do título, observa-se que este assinala uma confissão de culpa, visto que a narradora inicia o relato identificando-se como a personagem que matou os peixes, mas pedindo desculpas ao leitor por ter matado “[...] dois peixinhos vermelhos que não fazem mal a ninguém”. (LISPECTOR, 1999, p. s/p). Nesta narrativa nota-se a dicotomia real/ficcional, uma vez que a narradora chega a jurar por Deus que tudo que contou no livro é pura verdade, e, realmente aconteceu enfatizando ainda que jamais mentiria para meninos e meninas por respeitá-los. Esses são alguns exemplos de como Lispector na literatura infantil subsidia do poder, saber e poder para desenvolver o imaginário infantil. Daí percebe-se que a narradora, a pesar de trabalhar com situações cotidianas, aparentemente banais, não desconsidera o estético. Por tudo isso, aponta-se a riqueza de suas obras.

Para que os leitores confiem nas palavras da narradora, ela fala que contará várias histórias com seus outros bichos, talvez forma de provar seu amor pelos animais. “Vou contar antes umas coisas muito importantes para vocês não ficarem tristes com o meu crime.” (LISPECTOR, 1999, p. s/p). Nesse fragmento parece vê-se que a narradora – protagonista procura preparar o leitor para perdoá-la, usando meios que aproxime o leitor dela. Observa-se que a narradora apresenta-se como uma conselheira, amiga próxima do leitor. É como se: “Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de conta-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.” (ECLÉA, 2012, p.91).

Tendo em vista que a literatura lispectoriana vem sendo estudada nas academias com mais frequência, visto que suas obras apresentam características inovadoras, bem como retrata em sua maioria fatos do cotidiano, como a presença da epifania, da introspecção psicológica dentre outras, características essas utilizadas por outros escritores como Wirgínia Wolf e James Joyce, é que procurou-se respaldar este estudo em teóricos como: Oliveira (2008), que retrata sobre a literatura especificamente a infantil como experiência de vida, que se expressa pela palavra; Elias (2007), por considerar a literatura infantil como um meio de contar, ler e encantar crianças; Caderno de literatura brasileira (2004), por trazer um aparato de conhecimentos sobre a autora; Lispector (1999), por ser a narrativa que iremos discutir; Ecléa (2012), que apresenta a importância da memória na construção do eu e do outro, dentre outras que tratam do tema em questão.

Além disso, pode-se destacar que as temáticas trabalhadas por Lispector geralmente apresentam personagens imersos em um cotidiano aparentemente banal, mas que traz a reflexão sobre o existencialismo.



E como a literatura de Lispector apresenta-se como ficção que dá margem à representação simbólica, vê-se a importância de se conhecer como é representado, o prazer, o poder e o saber em *A Mulher que matou os peixes*, visto que tal como propõe Elias José (2007, p. 18), “[...] é preciso ler: pelo prazer pelo saber e para obter poder”. É seguindo essa linha de raciocínio que procurou-se justificar o objeto de pesquisa, uma vez que as narrativas lispectoriana o que interessa são as repercussões dos fatos no indivíduo. Daí suas obras serem comprometidas com o sujeito dentro de uma perspectiva de sua realidade. Para Novais (2007, p.15) “[...] o contar histórias pode ser algo mais que uma mera diversão”. É assim que vê-se a literatura de Lispector, pois a autora em algumas narrativas se baseia em fatos que acontece no âmbito familiar. Destacamos também estudo de Foucault (2005) por apresentar um diálogo sobre o poder, prazer e poder, categorias indispensáveis para a análise em questão.

Vale lembrar que a investigação pressupõe leituras dos textos literários, da fortuna crítica de Clarice, de textos sobre o tema evidenciado e assuntos a este relacionados, bem como de teorias da literatura. Como a obra literária constitui o *corpus* deste trabalho, pretende-se analisar a ficção clariceana tendo como base nas categorias prazer, poder e o saber.

Convém destacar que esta pesquisa é de caráter bibliográfico e está enquadrada no método dedutivo, uma vez que pressupõe que as verdades já afirmadas sirvam de base para se chegar a conhecimentos novos. Assim, partiu-se de uma situação geral sobre a questão do prazer, poder e saber na narrativa escolhida de Clarice Lispector. Em outras palavras, norteou-se nesta pesquisa de uma teoria já formulada para a interpretação dos dados, para chegarmos ao conhecimento específico. A investigação pressupõe leituras dos textos literários, da fortuna crítica de Clarice Lispector, de textos sobre o tema escolhido e assuntos a este relacionados. Como métodos de procedimentos, utilizamos o método comparativo analítico. Para tanto, adotou-se os seguintes procedimentos: observação de como é representado o prazer, poder e saber na narrativa em foco; demonstrar como ocorre o prazer, poder e saber na narrativa escolhida. Assim sendo, a pesquisa que ora se propõe é de caráter bibliográfico, visto que tem-se como *corpus* *A Mulher que Matou os Peixes* de Lispector.

### **O Prazer, Saber e Poder em *A Mulher que Matou os Peixes***

Lispector parece em suas narrativas, procurar sondar as regiões mais profundas da mente das suas personagens, para a partir daí, apresentar complexos mecanismos psicológicos. É essa procura que determina as características específicas de seu estilo. O enredo tem importância secundária,



visto que as ações destinam-se a esclarecer características psicológicas das personagens. É importante frisar, ainda que é comum em Lispector histórias sem começo, meio ou fim. Por isso, foi considerada por alguns críticos escritora de obras inacabadas. Observa-se que o tempo que predomina em suas narrativas é o psicológico, visto que o narrador segue o fluxo da consciência e o monólogo interior dos personagens. Assim sendo, o enredo acaba fragmentando-se, não seguido começo, meio e fim. O espaço exterior também tem importância secundária, uma vez que a narrativa concentra-se no espaço mental das personagens. As características físicas das personagens ficam em segundo plano, por isso talvez por isso, muitas figuras dramáticas não apresentam sequer nome. Parece que as personagens criadas por Lispector seja pessoas ou animais descobrem-se num mundo absurdo; esta descoberta dá-se normalmente diante de um fato inusitado pelo menos inesperado para o personagem. É nesse momento que presencia-se a tão famosa “epifania”, classificado como o momento em que o personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência e, que a fará despertar para a vida e situações a ela pertencentes que em outra instância não fariam a menor diferença. É, pois, no momento epifânico que ocorre o desequilíbrio interior do personagem. “Não é fácil escrever. É duro quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”. “Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas”. “Minha liberdade é escrever.” (LISPECTOR, 1999, p. s/p).

Como já dito em *A Mulher que Matou os Peixes*, Lispector já inicia desculpando-se por ter matado os peixes. Mas foi tudo sem querer, e isso ela pode provar ao longo da narrativa, como promete logo no início. “Dou minha palavra de honra que sou uma pessoa de confiança e meu coração é doce: perto de mim nunca deixo criança nem bicho sofrer.” (LISPECTOR, 1999, p. s/p). Nesse fragmento presencia-se o poder que a narradora – personagem apresenta para com seus leitores, o que faz remeter-se aos postulados de Foucault (2005, p.67), quando apresenta: “É nas relações de poder que supõe condições históricas de emergência complexas que implica efeitos múltiplos.” Sugestivamente, o que se percebe em Lispector é o poder que exerce sobre os seus leitores, pois está sempre em diálogo é como se o seu público leitor construísse com ela a história. É nesse diálogo, que flui de maneira natural, como se estivessem num diálogo - sobre bichinhos de estimação, naturais, convidados ou não convidados, que Lispector conta como matou os vermelhinhos – peixinhos vermelhinhos. Assim, observa-se que a narradora-personagem usa de variadas estratégias na narrativa como até dizer que foi sem intenção, pois esse episódio aconteceu por ter esquecido de alimentar os peixinhos, pois ela era como muitas outras mulheres muito ocupadas. Por isso, pergunta às crianças - leitoras se elas perdoam-na: “Vocês me perdoam?”



(LISPECTOR, 1999, p. s/p). Percebe-se aqui que talvez a personagem narradora apresenta tanto o poder como o saber, pois ao dialogar com seu leitor se aproxima do mesmo o que os leva a conhecê-lo melhor, e, sobretudo, desenvolver afeto, o que nos leva a mostrar o prazer, visto que o faz viajar no mundo do imaginário.

A narradora – personagem apresenta o saber, poder e prazer nessa história, pois como elucida Foucault (2005, p. 77). “O saber está essencialmente ligado à questão do poder, na medida em que, a partir da idade clássica, por meio do discurso da racionalidade [...] vai-se efetuar uma ordenação geral do mundo [...]”. Ou seja, a narradora subsidia de seu discurso racional para provar a sua inocência na morte dos peixinhos- vermelhos. Ao saber que as crianças quando dadas a oportunidade de ouvi-la conseguirá sua confiança a narradora dialoga constantemente com elas “Vocês ficaram muito zangadas comigo porque eu fiz isso?” (LISPECTOR, 1999, p. s/p).

Sugestivamente, para provar sua inocência a narradora - personagem conta a paixão que tem por vários outros animais talvez como forma de poder provar que não mataria jamais os peixinhos por maldade, o que leva a provar que em *A mulher que Matou os Peixes*, está presente o poder, o saber e o prazer. No fragmento a seguir podemos identificar essas três categorias de análise: “Pessoas também querem viver, [...] Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu. Além de dar comida, eu deveria sempre trocar a água do aquário”. (LISPECTOR, 1999, p. s/p). Entendemos que para compreender a narrativa em questão é imprescindível entendermos a teoria foucaultiana, visto Foucault não representa o poder como entidade coerente, estável, mas como requer relações de poder.

### **Algumas Considerações**

Na narrativa *A mulher que Matou os Peixes* apresenta já no título um episódio dramático. Desta feita, a personagem - narradora, evidencia fatos relacionados à morte dos peixinhos, procurando sugestivamente, provar sua inocência, por meio do saber, poder e prazer.

Dessa forma, compreende-se que a busca do perdão das crianças em *A Mulher que Matou os Peixes*, parece se dá durante toda a narrativa, através dos discursos da personagem-narradora e, sobretudo da relação entre o eu lírico e o outro - leitor. Assim sendo, percebe-se que esta narrativa é construída com base no real, revelando uma ruptura do externo para o interno, possibilitando conhecermos a revelação de uma vida de uma mulher como muitas outras.

Percebe-se que a narradora apresenta estratégias para convencer o leitor de sua inocência do crime que já apresentado no próprio título da história. Por isso, vê-se uma preocupação maior nos



fatos e, não apenas com os aspectos psicológicos, visto que a narradora de *A Mulher que Matou os peixes* consegue suavizar o relato da morte.

Por fim, constata-se que a literatura quando bem desenvolvida pode servir como meio que pode possibilitar o desenvolvimento crítico, criativo, imaginativo e, da subjetividade do leitor, levando-o a um universo fascinante de conhecimentos, curiosidades, e modos diversos de ver o mundo. O que faz lembrar Candido (1989) quando discute que não é difícil ver os escritores acanhados do que fazem como se estivessem cometendo um ato reprovável ou sendo indigno de sua função de escritor. Ou seja, muitos escritores deixam de lado a característica da literatura transformando-a em história documental, desconsiderando o valor estético. Daí a riqueza da literatura de Lispector, visto que encantamento, exemplo, subjetividade, ficção dentre outras características estão presentes em suas obras, principalmente em *A Mulher que Matou os Peixes*.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi / Zigmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2005.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: Esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antônio. **A Educação pela noite & Outros Ensaios**. V.1. Ed. Ática. São Paulo, 1989.

ELIAS, José. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças** - Porto Alegre: Mediação, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **O mistério do coelho pensante**. Rio de Janeiro: Rocco: 1999.

\_\_\_\_\_. **A mulher que matou os peixes**. Rio de Janeiro: Rocco: 1999.

\_\_\_\_\_. **Quase de verdade**. Rio de Janeiro: Rocco: 1999.

\_\_\_\_\_. **A Vida Íntima de Laura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ZILBERMAN, Regina, VIEIRA, Nelson; NUNES, Benedito, et. al. **Clarice Lispector a narração do indizível**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1998.